



Projeto: Corpos dissidentes que menstruam: trans masculinos e pessoas não binárias nos terreiros de Umbanda

Palavras-Chave: menstruação, afro-religiosidade, comunidade trans

MICHELLE PEREZ DOS SANTOS (IFCH|UNICAMP)

DRA.DANIELA TONELLI MANICA (LABJOR|UNICAMP)

DR. HUMBERTO SANTANA JUNIOR (UFRJ).

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca investigar como corpos dissidentes – especificamente pessoas trans masculinas e não binárias – que menstruam são recebidos e compreendidos em terreiros de Umbanda em Campinas (Casa da Vó Benedita e Templo de Aruanda). Com base na dissertação de Za Chacon (2024), constrói-se o conceito de “corpos dissidentes” como alternativa ao termo “pessoas que menstruam”, ampliando a visibilidade além da cisgeneridade e da binaridade nos discursos que circunscrevem a menstruação.

As reflexões articulam ainda as influências do colonialismo e de religiões monoteístas sobre normas de gênero, desde contextos africanos até suas reconfigurações no Brasil contemporâneo, com aporte teórico em autores como Judith Butler, Oyèrónké Oyèwùmí, Lévi-Strauss, Gluckman, Freud e Byung-Chul Han.

Metodologia

A pesquisa seguiu abordagem qualitativa e etnográfica:

1. **Observação participante** nos rituais de dois terreiros de Umbanda em Campinas, incluindo cultos de Preto-Velho, Exu, Pomba Gira e desenvolvimento mediúnico;
Entrevistas informais com líderes religiosos (Pai João e Mãe de Santo), médiuns e frequentadores;

2. **Escuta sensível** de relatos de entidades espirituais em situação de consulta presencial;
3. **Levantamento bibliográfico**, com leitura refinada da dissertação de Za Chacon (2024), do livro *Queer in Africa: LGBTQI+ Identities, Citizenship and Activism* (2018) e dos autores antropológicos e teóricos selecionados (Oyewumi, Butler, Freud etc.).

Integra-se, portanto, observação direta dos espaços religiosos à análise crítico-teórica e interseccional dos discursos sobre gênero, corpo e espiritualidade.

Resultados e Discussão

3.1 Cosmopercepção e práticas corporais nos terreiros

Observou-se que ambos os terreiros praticam rituais que envolvem higiene energética corporal (restrição de alimentação, roupas claras, abstinência sexual, não discussões antes dos cultos), evidenciando uma lógica de percepção corporal coletiva mais próxima da cosmopercepção africana do que da visão ocidental-racionalista (§ Oyewumi, 2021). Há forte ênfase no bem-estar coletivo e harmonia energética entre participantes.

3.2 Performatividade de gênero e espiritualidade

Na gira de Exu e Pomba Gira, entidades foram representadas através de adereços (cartolas, saias) e gestos simbólicos que sublinharam gênero performado, mesmo quando se afirma que “espírito não tem sexo” (Pai João, 2025). Essa experiência reforça a teoria performativa de gênero (Butler, 2003), mostrando como signos simbólicos orientam a percepção e compreensão de gênero no campo espiritual.

3.3 Menstruação como ritual de transformação

Em consulta com entidade de Preto-Velho, questionou-se sobre a legitimidade de frequentar o terreiro menstruada. A resposta simbolizou a menstruação como renovação, metamorfose e passagem, contestando discursos de impureza. A menstruação foi compreendida como processo ritual contínuo que transforma e não exclui (Gluckman, Lévi-Strauss). Além disso, líderes religiosos informaram não haver restrições espirituais

diretas ao sangramento menstrual, apenas cuidados em relação ao conforto físico do praticante.

3.4 Contextos africanos contemporâneos e colonialidade

As leituras de *Queer in Africa* (Matebeni et al., 2018) demonstram que a criminalização da homossexualidade em muitos países africanos (Nigéria, Senegal, Zimbábue etc.) deriva de influências coloniais e religiosas monoteístas, e não de tradições pré-coloniais. Essa historicidade ressoa nos terreiros brasileiros, onde, conforme Pares (1976), há discursos que reivindicam purismo “africano” enquanto reforçam normas cisheteronormativas excludentes. A presença de corpos dissidentes religiosamente incluídos nos terreiros observados desafia essas narrativas.

3.5 Perspectivas psicanalíticas e críticas teóricas

A teoria freudiana sobre repulsão à menstruação – entendida como vestígio de dor ou violência – foi contraposta à proposta de Judith Butler, que problematiza a fixidez dos modelos de gênero. No campo empírico, as narrativas coletadas indicaram que a menstruação em corpos dissidentes é marcada por sensibilidade, espiritualidade e resiliência simbólica, e não por rejeição.

4. Conclusão

A pesquisa evidencia que os terreiros observados são, em sua essência, espaços que podem acolher e reconhecer corpos dissidentes que menstruam; neles, a experiência menstrual é espiritualizada e não estigmatizada. Essas práticas desafiam normas cisbinárias e coloniais, propondo formas de resistência e construção de territórios espirituais inclusivos.

A partir desse estudo, propõe-se que o legado espiritual afro-brasileiro, quando destituído de discursos normativos colonialistas, pode fomentar outras epistemologias do corpo e da religião – mais conectadas à cosmo percepção coletiva e à performatividade transgressora de gênero.

Referências

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 2003.

CHACON, Za. *Educação menstrual popular e LGBTQIAPN+*. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2024.

FRANÇA, B. Z. *Umbanda esotérica: uma etnografia sobre o encontro da religiosidade afro com a nova era em um terreiro de Belo Horizonte*. Revista Calundu, Brasília, v. 3, n. 2, p. 21, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v3i2.27048>. Acesso em: 04 ago. 2025.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1905. v. VII.

GLUCKMAN, Max. *Rituals of rebellion in South-East Africa*. Manchester: Manchester University Press, 1954.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2019.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres: a construção ocidental de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo